

DA SUPERAÇÃO DA FAMA DE “DECOREBA” AOS ATUAIS DESAFIOS DO ENSINO DE GEOGRAFIA.

Mozart Moisés da Silva ¹
Fernanda Maria Jorge ²
Miguel Cabral Bezerra ³
Suene Andrade de Santana ⁴
Thyago Aragão Almeida ⁵

RESUMO

Entre as disciplinas escolares a Geografia é aquela que carrega um estigma que a coloca como um conhecimento baseado na “decoreba”. Por anos, muitos autores, vem tentando acabar com esse preconceito, e professores através de suas práticas pedagógicas buscam firmar a geografia como um conhecimento dinâmico e útil a sociedade. Para futuros professores ter a certeza do papel desempenhado por sua área de conhecimento pode servir como estímulo para intensificar seus estudos no ensino superior e servir de norte para sua prática profissional. Para alunos, sobretudo adolescentes, ver sentido e necessidade nos assuntos estudados, serve como estímulo para dividir parte de sua atenção que já é tão disputada por diversos fatores dos nossos dias (marketing, internet, consumismo) e fatores naturais relacionados as mudanças biológicas e psicossociais, relacionados a esta fase da vida do ser humano. Deste modo, como integrantes do Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência (Pibid), visando aprimorar a formação de futuros professores, iniciamos um estudo visando identificar como anda a visão sobre a Geografia na ECIT Francisco Ernesto do Rêgo – Queimadas – PB. Tentado observar se a fama de disciplina de “decoreba” teria respaldo na instituição e quais outros desafios vem se impondo durante as aulas de Geografia. Para assim, podermos caminhar em direção a futuras aulas mais efetivas e prazerosas para discentes e docentes.

Palavras-chave: Geografia, Ensino, Aprendizagem, Decoreba, Tempo.

INTRODUÇÃO

A Geografia foi tratada durante muito tempo como uma disciplina insignificante, chata e sem necessidade, cujo principal intuito era de que os alunos decorassem as capitais, países,

¹ Graduado do Curso de Licenciatura plena em Geografia da Universidade Estadual da Paraíba - UEPB, moisésmozart2@gmail.com;

² Graduando pelo Curso de Licenciatura plena em Geografia da Universidade Estadual da Paraíba - UEPB, fernanda.jorge@aluno.uepb.edu.br;

³ Graduando do Curso de Licenciatura plena em Geografia da Universidade Estadual da Paraíba - UEPB, miguel.bezerra@aluno.uepb.edu.br;

⁴ Graduando pelo Curso de Licenciatura plena em Geografia da Universidade Estadual da Paraíba - UEPB, suene.santana@aluno.uepb.edu.br;

⁵ Graduando pelo Curso de Licenciatura plena em Geografia da Universidade Estadual da Paraíba - UEPB, thyago.almeida@aluno.uepb.edu.br.



continentes entre outros, eram conteúdos fragmentados e distantes da realidade cotidiana dos educandos. Nesta mesma perspectiva, Callai (2001 p.139) reforça dizendo:

São aspectos naturais e humanos do espaço geográfico, traduzidos em aulas sobre o relevo, vegetação, clima, êxodo rural e migrações, estrutura urbana e vida nas cidades, industrialização e agricultura, estudados como conceitos abstratos, neutros, sem ligação com a realidade concreta da vida dos alunos.

Todavia, o ensino de Geografia tradicional deixava os alunos insatisfeito, pois não conseguiam relacionar com seu cotidiano, o que deixava uma lacuna, logo o pensamento geográfico foi se diversificando e se fez necessário a abordagem de determinados aspectos da realidade, posto isso a Geografia tradicional tornou-se insuficiente. Diante disso é concebível a concomitância de “tradições no novo e novidades no tradicional” (GOMES, 1996. P. 29).

O ensino de Geografia, com o passar do tempo, foi ganhando destaque com novas perspectivas, que trouxe a problematização da realidade social dos discentes, como centro do processo de ensino-aprendizagem.

Perante a esse cenário, Cavalcanti (1998) enfatiza mencionando que: o ensino de geografia visa à aprendizagem ativa dos alunos, atribuindo-se grande importância a saberes, experiências, significados que os alunos já trazem para a sala incluindo, obviamente, os conceitos cotidianos.

Essa prática tradicional de ensino estendeu-se ao longo da história do ensino de Geografia, e nos dias atuais é possível encontrar os traços de tal prática, a BNCC enfatiza dizendo que em Geografia “é preciso superar a aprendizagem com base apenas na descrição de informações” (BRASIL, P. 361).

Para que tenha um aumento da valorização da Geografia, por parte dos alunos, e fim do estigma atrelado a ela, é fundamental que o professor insira novas práticas metodológicas para um ensino-aprendizagem de maior aproveitamento, tanto para os alunos quanto para o professor. Ainda nesta perspectiva, Pinheiro et. Al. (2004, p. 104) explana dizendo:

Para romper esse estigma, alguns professores buscam várias maneiras de renovar o ensino. Nas transformações por que passa a escola, com vista à reformulação dos métodos educacionais, os materiais didáticos são importantes no trabalho do professor. Eles se constituem em instrumentos que possibilitam planejar boas situações didáticas, buscando promover a ampliação dos conhecimentos dos alunos, permitindo-lhes desenvolver conceitos, problematizar questões e articular conteúdos. Para isso, o professor verá criar situações concretas de aprendizagem.

Diante de tudo que foi exposto, vale destacar que saber ler uma informação tomando como base o espaço vivido significa saber explorar os elementos naturais e construídos

inseridos na paisagem, não se prendendo apenas a percepção de formas, mas visualizando o seu significado (CASTELLAR, 2005).

É perceptível a importância do ensino da Geografia para além da “decoreba” que se fala dela, ela é contribuidora, indiscutível, para a formação de um cidadão crítico que compreenda as relações entre sociedade – natureza, como também, as transformações que ocorrem no lugar em que está inserido.

O ensino de Geografia, na atualidade, requer novas atribuições para além da transmissão do conhecimento e com novos métodos de ensino-aprendizagem, então ela requer profissionais preparados, ativos e que se adaptem às transformações que estão constantemente ocorrendo no espaço geográfico. Diante disso, se faz necessário que ocorra uma renovação, não só no ensino de Geografia, mas também nos materiais didáticos-pedagógicos utilizados em aula, para atrair os discentes e mostrar-lhes uma nova visão da Geografia. Conforme Pinheiro et. Al. (2004, p. 104):

Para romper esse estigma, alguns professores buscam várias maneiras de renovar o ensino. Nas transformações por que passa a escola, com vista à reformulação dos métodos educacionais, os materiais didáticos são importantes no trabalho do professor. Eles se constituem em instrumentos que possibilitam planejar boas situações didáticas, buscando promover a ampliação dos conhecimentos dos alunos, permitindo-lhes desenvolver conceitos, problematizar questões e articular conteúdos. Para isso, o professor deverá criar situações concretas de aprendizagem.

Se faz necessário que os professores de Geografia não dominem apenas os conteúdos, é importante a reflexão sobre as concepções pedagógicas que ultrapassa a teoria-prática. Lima e Vlach enfatizam dizendo para os profissionais que experimentem novas metodologias de ensino, que venham ao encontro das necessidades concretas dos alunos, para que se possa produzir saberes reais. Com o levantamento de novas metodologias o professor vai ter uma melhoria na qualidade do ensino de Geografia e um maior interesse por parte dos discentes. Segundo Kaercher (2002, p. 223):

[...] o ensino de Geografia continua desacreditado. Os alunos, no geral, não têm mais paciência para nos ouvir. Devemos não apenas nos renovar, mas ir além, romper a visão cristalizada e monótona da Geografia como ciência que descreve a natureza e/ou dá informações gerais sobre uma série de assuntos e lugares. Devemos fazer com que o aluno perceba qual a importância do espaço na constituição de sua individualidade e da(s) sociedade(s) de que ele faz parte (escola, família, cidade, país, etc.).

Os professores podem utilizar-se das ferramentas digitais, para aproximar-se da realidade atual dos discentes que é extremamente tecnológico, tendo-se uma aula dinamizada que vai tirá-los da monotonia, gerar curiosidades, vai ter uma evolução do ensino, e os discentes vão conseguir relacionar e fazer reflexões com a realidade em que estão inseridos, ao invés de

apenas decorar. “Isso significa que existe uma relação ativa (ação) da pessoa que aprende com o mundo [...] e, ao agir sobre os objetos, tanto os objetos quanto os sujeitos se transformam”. (NASPOLINI, 1996, p. 183).

Diante da evolução tecnológica cabe ao professor utiliza-los ao seu favor para atrair os discentes, através da tv o professor pode passar vídeos relacionado ao tema, sendo importante que o professor faça uma introdução antes do vídeo para que os alunos compreendam o que é para ser observado.

O vídeo é um recurso importante para fixar melhor o conteúdo durante a aprendizagem dos alunos. As imagens ou cenas apresentadas através do vídeo são importantes, principalmente para a visualização tanto rural como urbana. O professor precisa explorar as imagens e suas sequências, articular tempo e espaço e extrair informações para se valer das propriedades específicas de um vídeo: som, imagem e movimento (PASSINI, 2007, p. 104).

Uma outra ferramenta tecnológica que é benéfica e vai auxiliar o trabalho do professor na transmissão do conteúdo a caixa o som, que através dele o professor pode passar músicas com temáticas sobre a urbanização, industrialização e consumismo.

A música pode ser um complemento auxiliar das atividades desenvolvidas para integração com alunos nos trabalhos de ensinar e aprender Geografia. O professor não precisa conhecer nem compartilhar as preferências dos gêneros musicais de seus alunos, mas pode propor que eles façam um levantamento das músicas que tratem do tema em estudo. Por exemplo, “Três raças”, de Clara Nunes, pode ser introduzida no estudo da população. A receptividade é quase sempre muito boa e promove a concentração (PASSINI, 2007, p. 107).

Perante ao exposto, fica evidente que existem muitas possibilidades trilhadas para enriquecer a aula de Geografia, e o quão o lúdico pode oferecer mecanismos simples, que possibilita aos alunos uma boa compreensão de sua realidade e do mundo em que vivem, ficando assim, apto a fazer críticas e reflexões.

Contudo, vale ressaltar que as disciplinas são historicamente produzidas, sofrendo mudanças tanto na sua forma quanto no seu conteúdo, por certo eram e é os detentores do poder que selecionavam os conteúdos do currículo, o que dificulta o ensino da geografia, quando olhamos para a reforma do ensino médio, fica nítido o quão prejudicada ficou a geografia, e são os que comandam o país que tem esse poder de escolher o que se pode estudar ou não, “as relações entre educação e política se dão na forma de autonomia relativa e dependência recíproca” (SAVIANE, 1983, P.92-93).

METODOLOGIA

A metodologia adotada para a elaboração deste trabalho consistiu nos seguintes procedimentos: construção de uma revisão bibliográfica cujo o intuito é trazer para os alunos e professores discussões, onde vai ser explanado o ponto de vista de vários autores renomados sobre o ensino de geografia e seus desafios.

Diante disso para o estudo do caso foi realizado uma coleta de dados através de formulários online para professores e alunos da escola ECI Ernesto do Rego, Com fins de analisar a visão dos alunos sobre a Geografia.

Os resultados encontrados são Dados primários com o objetivo de levantar dados qualitativos sobre o ensino de geografia na atualidade.

Olhando as respostas dos professores dá para perceber que os conteúdos do primeiro ano do ensino médio por serem mais voltados para a geografia física, tendem a explorar mais a fixação de conceitos, incentivando assim a decoreba. Ao fazer um cruzamento com as respostas dos alunos é possível perceber que algum dos professores tem como prática a cópia de textos, o que limita o tempo para explicações.

Outro fator que pode ser percebido tanto analisando as respostas dos professores como dos alunos é que a quantidade de aulas de geografia é insuficiente. Prejudicando o trabalho de quem ensina e dificultando a vida de quem quer aprender. Essa quantidade de aulas insuficientes pode ser explicada devido a reforma do Ensino Médio que fragilizou ainda mais o processo de ensino aprendizagem nessa etapa da educação básica, a Geografia foi retirada da obrigatoriedade e teve sua carga horária diminuída. De acordo com Frigotto (2016 p.331), “[...] o argumento de que há excesso de disciplinas esconde o que querem tirar do currículo – filosofia, sociologia e diminuir a carga de história, Geografia, etc. [...]”.

Um fato que chama a atenção é que a maioria dos alunos, assim como a maioria dos professores não enxergam a disciplina como uma disciplina de "decoreba". Entre os alunos 88,9% afirmam que é uma ciência onde se precisa compreender o que está estudando, o que demonstra que a prática da "decoreba" não é incentivada.

Porém, 11,1% afirma que sim, a geografia é uma disciplina de "decoreba". Cruzando com as respostas dos professores, podemos supor que esse número deve estar relacionado aos alunos do 1º ano, onde por ter uma predominância de conteúdos voltados para a geografia física e a apresentação de conceitos geográficos, termina tendo uma abordagem que incentiva a prática de decorar as informações passadas.

Entre os desafios à aprendizagem por parte dos alunos podemos perceber: dificuldades em relação a leitura, que pode ser tanto a utilização excessiva de textos por parte dos professores, como falta de hábito de leitura por parte dos alunos; dificuldades de compreensão

a respeito de fatos e conceitos; a necessidade de decorar informações, que como já foi citado antes, é prática comum no 1º ano do ensino médio; e pode se perceber que um dos desafios mais apontados pelos alunos foi a quantidade reduzida de aulas da disciplina. Ainda nesta perspectiva a PCN's (BRASIL, 2001, p. 153) ressalta dizendo:

O ensino de Geografia, de forma geral, é realizado por meio de aulas expositivas ou da leitura dos textos do livro didático. Entretanto, é possível trabalhar com esse campo do conhecimento de forma mais dinâmica e instigante para os alunos, mediante situações que problematizem os diferentes espaços geográficos materializados em paisagens, lugares e territórios; que disparem relações entre o presente e o passado, o específico e o geral, as ações individuais e as coletivas; e promovam o domínio de procedimentos que permitam aos alunos “ler” a paisagem local e outras paisagens presentes em outros tempos e espaços.

Entre os professores os desafios ao processo de ensino aprendizagem identificados foram: Falta de recursos didáticos, falta de apoio para aulas de campo, o uso excessivo de redes sociais por parte dos alunos, ausência dos responsáveis dos alunos, interferências causadas por decisões tomadas em gabinetes das secretarias de educação, e principalmente a quantidade reduzida de carga horária dedicada as aulas de geografia.

Sobre o uso das tecnologias, analisando as respostas dos professores, podemos ver uma utilização bem expressiva. Cruzando com as respostas dadas pelos alunos, é possível perceber que poderia haver uma utilização melhor destas ferramentas. Em relação as práticas pedagógicas, ao analisarmos as respostas dos professores podemos perceber que a falta de tempo, vem limitando o uso de estratégias de ensino, o mesmo fator aparece com um desafio na hora da avaliação.

Do ponto de vista dos alunos, percebe-se um desejo de aulas de campo, aulas expositivas com linguagem mais acessível e descontraídas, execução de atividades práticas, maior presença de recursos tecnológicos nas aulas, assim como, melhor utilização destes recursos e maior disponibilidade de tempo para a realização das práticas pedagógicas. Mais importante do que a quantidade de conteúdos aprendidos, valorizava-se o processo de aquisição destes e a sua seleção se daria a partir dos interesses e experiências vividas pelos alunos. (GAZIM, 2005, p.44).

Por fim, segue após as referências bibliográficas, no anexo A, o link do formulário utilizado e demonstração dos resultados da conclusão da pesquisa.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ficou claro que a prática da decoreba nas aulas de geografia está mais restrita ao 1º ano do ensino médio, isso se deve aos conteúdos ensinados nesta etapa do ensino médio que abordam temas da geografia física, cartografia e apresentação dos conceitos geográficos. Pode-se perceber que a maioria dos alunos perdem a visão da geografia como uma disciplina de decoreba conforme caminham em direção ao 3º ano do ensino médio. Foi possível perceber que o professor desempenha um importante papel tanto na construção da imagem da decoreba no 1º ano do ensino médio, como em sua desconstrução nos anos seguintes.

Outro fato que chamou muita atenção durante o estudo de caso é que a redução de carga horária da disciplina geográfica se apresenta como o principal desafio no processo de ensino aprendizagem, limitando a atuação dos professores e impossibilitando uma maior aprendizagem por parte dos alunos. Embora limitado pela carga horária, o professor necessita buscar práticas pedagógicas que otimizem o processo de ensino aprendizagem, assim como intensificar o uso de recursos tecnológicos e aprimorar essa utilização.

No que se refere aos alunos, é preciso um maior protagonismo na busca pela aprendizagem, uma vez que o tempo de aula está reduzido, se faz necessário que o aluno tente aproveitar este tempo da melhor forma possível, prestando atenção nas aulas, aproveitando os recursos didáticos ofertados e tirando dúvidas. Seus responsáveis precisam se aproximar mais da escola, compreender a realidade do processo de ensino aprendizagem, participar mais da vida escolar de seus dependentes, apoiar professores e demais indivíduos presentes no ambiente escolar.

Por fim, é preciso que órgãos educacionais como ministério da educação e secretaria estadual de educação revejam suas atuações, visando apoiar o processo de ensino aprendizagem e corrigindo qualquer ação que possa estar trazendo ainda mais desafios para um processo que por si só já é bastante desafiante, que é o processo de ensino aprendizagem.

REFERÊNCIAS

BRASIL. Ministério da Educação. Base Nacional Comum Curricular. Brasília: Ministério da Educação, 2017.

BRASIL, Presidência da República. **Parâmetros Curriculares Nacionais: História e Geografia - PCN's.** Ministério da educação. Secretaria de Educação Fundamental. 3 ed. Brasília, 2001. 166p.

CALLAI, Helena Copetti; A Geografia e a Escola: Muda a Geografia e o Ensino, Revista **Terra Livre**, n. 16. (p. 133-152). São Paulo

CASTELLAR, S. M. V. **Educação geográficamente escolar**. In: Cadernos Cedes. Campinas, v. 25, n. 66, p. 209-25, ca: a psicogenética e o conhecimento escolar. In: Cadernos Cedes. Campinas, v. 25, n. 66, p. 209-25, mai./ago. 2005.

CAVALCANTI, L. de S. **Geografia, escola e construção de conhecimentos**. 4. ed. Campinas: Papyrus, 1998.

GOMES, Paulo César da Costa. **Geografia e Modernidade**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1996.

KAERCHER, N. A. Geografizando o jornal e outros cotidianos: **práticas em Geografia para além do livro didático**. In: CASTROGIOVANNI, A. C. (org.). Ensino de Geografia: práticas e textualizações no cotidiano. Porto Alegre: Mediação, 2003.

PASSINI, Elza Yasuko. Prática de ensino de Geografia e estágio supervisionado. São Paulo: Contexto, 2007.

PINHEIRO, E. A. et. al. **O nordeste brasileiro nas músicas de Luiz Gonzaga**. Caderno de Geografia, Belo Horizonte, v.14, n. 23, 2º sem/2004, p. 103-111

SAVIANI, Demerval. **Escola e democracia**. São Paulo: Cortez: Autores Associados, 1983.